

## O sexismo em acepções pejorativas em dicionários de português brasileiro

### *Sexist violence in Brazilian Portuguese dictionaries*

Cezar Alexandre Neri SANTOS (UFAL)  
[neri.ufal@gmail.com](mailto:neri.ufal@gmail.com)

Janina Antonioli PIRES (UFRGS/RME-PoA)  
[nina.antonioli@gmail.com](mailto:nina.antonioli@gmail.com)

Ademileise de Oliveira SANTOS (SEED-SE)  
[adel.mileise@hotmail.com](mailto:adel.mileise@hotmail.com)

Recebido em: 30 de set. de 2020.  
Aceito em: 20 de out. de 2020.

SANTOS, Cezar Alexandre Neri; PIRES, Janina Antonioli; SANTOS, Ademileise de Oliveira. O sexismo em acepções pejorativas em dicionários de português brasileiro. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp., p. 390-411, ago. 2021. DOI: 10.22168/2237-6321-10esp2119.

**Resumo:** Motivados por um debate coletivo, em outubro de 2019, quanto à dicionarização de um sentido vulgar para o lexema *professora*, decidiu-se refletir como os dicionários, enquanto suportes linguísticos, estabelecem semântico-discursivamente questões de gênero em português brasileiro. Assim, este trabalho descreve e analisa (não) ocorrências de acepções relacionadas à violência de gênero em dicionários de língua portuguesa para brasileiros. Para isso, tomamos o texto-anedota *Injustiças da Língua Portuguesa*, de autoria anônima e amplamente divulgado pela *internet*, que estabelece humoristicamente diferenças semânticas para sintagmas nominais como *puto/puta*, *cachorro/cadela*, *o/a galinha*, entre outros. Por meio de consulta lexicográfica, buscamos registros em diferentes dicionários, a saber: Ferreira (2009), Houaiss (2009), Aulete Digital (2007) e Informal (2014), os quais geraram uma codificação e permitiram um debate sobre sexismo e violência linguística. Como principal resultado, constatamos que parte considerável dos dicionários, tanto *on-line* quanto impressos, ratifica o perjúrio ao gênero feminino ao registrar acepções pejorativas, ao passo que, nas formas nominais do gênero masculino,

costuma-se apresentar a acepção registrada na anedota, neutralizando aspectos pejorativos à masculinidade ou não atribuindo relação com sua sexualidade.

**Palavras-chave:** Lexicografia Discursiva. Sexismo. Violência linguística.

**Abstract:** A debate on a specific vulgar meaning for female teachers registered in a Brazilian Portuguese dictionary in October 2019 led us to reflect on how dictionaries – as linguistic supports – establish gender issues semantically and discursively in Brazilian Portuguese. Thus, this work describes and analyzes (non) occurrences related to gender violence. For this, we take the widely disseminated on the internet and anonymous anecdote Injustices in the Portuguese language, which establishes semantic differences for noun phrases such as *puto / puta*, *cão (dog) / cadela (bitch)*, *galinha (ox/hen)*, among others. Through lexicographic consultation, we searched for records in different dictionaries, namely: Ferreira (2009), Houaiss (2009), Aulete Digital (2007), and inFormal (2014), which generated a codification and allowed a debate on sexism and linguistic violence. As a main result, we found that dictionaries, both online and printed ones, ratifies perjury to the female gender by registering derogatory meanings, whereas, in male gender nouns, they usually present the meaning registered in the anecdote, neutralizing negative aspects to the masculinity or not attributing a relationship to their sexuality.

**Keywords:** Discursive Lexicography. Chauvinism. Linguistic violence.

## Introdução

Este trabalho descreve e analisa (não) ocorrências de acepções semânticas pejorativas relacionadas à violência de gênero em dicionários de língua portuguesa para usuários brasileiros. Entende-se que a dicionarização, como processo de registro mais ou menos geral<sup>1</sup> do léxico de uma língua, pode nortear debates acerca da desigualdade e da violência de gênero, visto que dicionários constituem instrumentos linguísticos, ao lado das gramáticas, como afirma Auroux (2014).

A motivação da pesquisa se deu após ampla repercussão, nos meios jornalísticos, entre os dias 22 e 27 de outubro de 2019, do registro de uma acepção vulgar para a lexia *professora* nas versões eletrônicas dos dicionários *Oxford* e *Google*<sup>2</sup>. Neles, o substantivo feminino *professora* trazia como primeira acepção “1. mulher que ensina ou exerce o professorado” e como segunda “2. Brasileirismo-Brasil. N.E. *infrm.* prostituta com quem adolescentes se iniciam na

<sup>1</sup> Tratamos, aqui, de “mais ou menos geral”, pois o dicionário pretende descrever o máximo possível do léxico da língua, mas ela é dinâmica, e os significados de seus vocábulos podem ser modificados. Assim, pressupõe-se o atraso do dicionário, pois nem sempre consegue atualizar registros de neologias semânticas, mesmo em suas versões eletrônicas e edições *on-line*.

<sup>2</sup> Para ciência e contextualização da referida polêmica, podem ser citadas as seguintes reportagens, disseminadas na mídia digital nacional, como Vasconcelos (2019) e Internautas (2019). De mesma natureza, uma nova polêmica abrangeu o par de lexias *patrão/patroa*, em 2020, como pode ser visto em Google (2020), que ganhou repercussão pela denúncia da cantora pop Anitta.

vida sexual”. Reverberado especialmente por ser uma data próxima à comemoração do Dia dos Professores, em 15 de outubro, esse fato gerou maciça reação negativa e culminou com a exclusão da acepção 2 da plataforma *on-line*.

Assim, considerando tal debate, decidiu-se por investigar como se dá o registro de acepções de cunho violento em dicionários de língua portuguesa para usuários brasileiros por meio de um *corpus* minimamente homogêneo, constituído pelas lexias *professor/professora*; os nomes biformes *vagabundo/a*; *pistoleiro/a*; *aventureiro/a*; *feiticeiro/a*; *puto/a*; *cão/cadela*; *touro/vaca*; os nomes comuns de dois gêneros *o/a galinha*, e os fraseologismos *homem da vida/mulher da vida*. Esses nomes foram selecionados do texto-anedota *Injustiças da língua portuguesa*, de autoria anônima e amplamente divulgado via *e-mail* e redes sociais *on-line* e traz como tese que nomes do gênero gramatical masculino costumam apresentar uma neutralidade ou mesmo positividade, ao passo que as acepções de seus pares femininos correspondentes tomam metaforicamente a mulher como *puta*.

A pesquisa busca confirmar a (não) dicionarização de significados pejorativos, principalmente de cunho sexual, em diferentes plataformas lexicográficas, a saber: i) *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2009); ii) *Dicionário Aulete Digital* (AULETE, 2007); iii) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2009); e iv) *Dicionário inFormal* (INFORMAL, 2014). Esses dicionários gerais monolíngues foram selecionados por sua via de disseminação, tanto impressos (FERREIRA, 2009; HOUAISS, 2009) quanto eletrônicos (AULETE, 2007; INFORMAL, 2014)<sup>3</sup> e abrangem, certamente, algumas das obras lexicográficas mais conhecidas e consultadas no Brasil em relação à variedade brasileira da língua portuguesa.

Espera-se, assim, também assinalar aspectos relativos à violência linguística velada por meio do discurso humorístico. Para isso, foram acionados fundamentos teórico-metodológicos da Lexicografia e da Lexicografia Discursiva e de estudos sobre Gênero, em sua relação com a língua(gem).

<sup>3</sup> Aqui temos o ano de lançamento das referidas plataformas lexicográficas digitais. As consultas a esses dicionários, contudo, datam de 2019/2020.

## **Lexicografia Discursiva e questões de gêneros: dicionário, morfologia e sexualidade**

### *Lexicografia: papéis e funções dos dicionários gerais de língua*

O dicionário é um valioso arcabouço cultural que registra a “constituição histórica do léxico de um idioma, bem como da identidade linguístico-cultural das comunidades” (KRIEGER, 2006, p. 174). Sua vasta utilidade consiste no registro de informações de caráter linguístico e extralinguístico. O campo disciplinar que se preocupa com a produção e a constituição de dicionários e outras obras de referência é a Lexicografia (HARTMANN; JAMES, 1998, cf. *lexicography*). A qualidade da obra lexicográfica será maior quanto mais consiga satisfazer dúvidas de usuários com diferentes propósitos, tais como acadêmico-profissionais ou léxico-gramaticais.

O objeto de observação da pesquisa compreende o gênero gramatical em sua relação com o gênero social em nomes portugueses, considerando seu registro em dicionários de língua. Nesta investigação, dicionários não são tomados como meros ou imparciais reprodutores da estrutura léxico-gramatical de um sistema linguístico, mas

como textos produzidos em certas condições, tendo o seu processo de produção vinculado a uma determinada rede de memória ante a língua [...], de modo que] a lexicografia discursiva vê, nos dicionários, discursos (ORLANDI, 2000, p. 97).

Essa orientação teórico-metodológica baseia-se em uma perspectiva não canônica desse instrumento linguístico, tomado “como vestígio de nossa memória histórico-social” (ORLANDI, 2000, p. 98). O dicionário, nesse sentido, oferece direcionamentos sobre os significados e os usos do léxico, cujos significados de uso corrente estão ancorados em dimensões de interpretações múltiplas.

No caso de verbetes cujo cunho sexista é evidenciado, deve-se, então, atentar para os tipos de leitura que poderiam produzir e a forma com que o dicionário poderia sinalizar esse caráter pejorativo, visto que afeta leituras e produções dos consulentes. De acordo com Nunes (2007),

Praticar a compreensão na leitura é não somente levar em consideração uma ou outra interpretação, mas ter em vista os “conflitos” de interpretação. É atentar para os vários direcionamentos de sentido que funcionam em um mesmo espaço discursivo (NUNES, 2007, p. 375).

Verbetes de dicionários, portanto, abarcam noções gramaticais, históricas, discursivas, pragmáticas e ideológicas inerentes ao vocábulo, oferecendo “um conjunto de informações concebido com um determinado princípio e para um determinado fim. Assim, por exemplo, todo dicionário ‘diz algo’ sobre o léxico de uma língua” (BUGUEÑO MIRANDA, 2019a, p. 17), não devendo ser tomado como uma ferramenta neutra ou alienada de seu tempo e de seu espaço, já que constitui um registro da comunidade de falantes em questão. O consulente, ao procurar um dicionário, costuma buscar sanar dúvidas específicas, que têm matizes linguísticas e extralinguísticas.

Um dicionário geral, portanto, almeja retratar o léxico de maneira tão mais completa quanto possível, pois sua natureza é tanto descritiva quanto prescritiva (BUGUEÑO MIRANDA, 2019b, p. 362). Neste estudo, avalia-se de que maneira esses aspectos pejorativos são apresentados socialmente e nos registros lexicográficos, confrontando-os. Na compreensão dos papéis e funções que um dicionário de língua abarca, cabe assinalar a tipologia dos nomes em português brasileiro, considerando os gêneros gramatical e social, tópico da subseção a seguir.

## 394

*O gênero dos nomes em português brasileiro*

Ao explorar o sistema nominal do português brasileiro, percebe-se que nomes reúnem uma gama de classes de palavras: substantivos, adjetivos, pronomes, numerais e alguns advérbios (MOTA, 2016, p. 151). Neles, além da função denominativa, mais sensível às definições dispostas em dicionários e gramáticas escolares, há a função referencial, pela qual “um signo linguístico se refere às coisas, aqui entendidas como qualquer entidade do mundo extralinguístico, real ou imaginário”, o que permite “analisar seu funcionamento circunscrito ao universo textual, ou seja, não mais tratá-lo como objeto do mundo, mas como objeto do discurso” (CAMACHO; DALL’AGLIO-HATTNER; GONÇALVES, 2013, p. 13).

Hauy (2015, p. 564-565) lembra, quanto à flexão de nomes na norma culta urbana da língua, que “todo substantivo em português pertence a um determinado gênero e obriga que todos os seus determinantes assumam o mesmo gênero” e “não tem fundamentos racionais na distinção entre masculino e feminino”. Este gramático destaca, ainda, que os substantivos designativos de pessoas podem apresentar formas marcadas para cada um dos gêneros gramaticais, os



biformes (e.g.: homem/mulher; menino/menina) ou serem classificadas em *comuns de dois gêneros*, pela anteposição do artigo o ou a, ou por qualquer determinante masculino ou feminino (e.g.: o/a mártir; o/a camarada) ou em *sobrecomens, inalteráveis na forma e no determinante* (e.g.: o animal; a pessoa) e os epicenos, específicos para a classe dos animais e das plantas, “que apresentam uma só forma para os dois gêneros (e.g.: *a baleia; a águia; a palmeira*).<sup>4</sup>

Cabe destacar, ainda, que a mudança de significação por meio da mudança de gênero é um fato genérico e não necessariamente apresentam conotação sexista ou violenta. Na língua portuguesa, há diversos exemplos, como a lista apresentada por Haury (2015, p. 570–571), da qual citamos: o bolso (=algibeira)/a bolsa (=carteira); e o caixa (=funcionário)/a caixa (=objeto, recipiente).

Caldas–Coulthard (2007) assinala que os gregos já distinguiam gramaticalmente os nomes quanto ao gênero, destacando que

[...] porque Protágoras denominou suas subclasses de ‘masculina, feminina e neutra’, a palavra ‘gênero’ passou a significar ‘classes relacionadas a sexo’. Protágoras, depois de ter classificado os substantivos exclusivamente de acordo com critérios inflexionais, alterou as inflexões de alguns substantivos para que o gênero das palavras concordasse com o sexo da/o referente. Isto foi feito para que as classes se tornassem mais consistentes em relação ao sexo. [...] Em alguns casos e em algumas línguas, não há correspondência entre o sexo da/o referente e o gênero do substantivo que a/o denomina. Por exemplo, ‘garota’ é neutro em alemão, ‘criança’ é feminino em português. A categorização de substantivos em termos de gênero parece, a princípio, não ser importante. Mesmo assim, o sistema gramatical de uma língua levanta questões sócio-políticas muito sérias, já que a prática social dá prioridade, em termos linguísticos, não simplesmente a uma subclasse de substantivos, mas também a um sexo (CALDAS–COULTHARD, 2007, p. 234–235).

Delimita-se a atenção sobre pares nominais como *cão/cadela* e *vagabundo/vagabunda*, lexias não circunscritas a uma mera função referencial, mas que apresentam uma extensão semântico-discursiva. Com isso, extrapola-se a ideia de gênero como item gramatical e considera-se “uma categoria socialmente construída [...] colocada num *continuum* que interage com outras variáveis sociais, tais como grau de instrução, etnia, crença religiosa etc.” (HEBERLE; OSTERMANN; FIGUEIREDO, 2006, p. 9). Nele, “o sujeito e seu gênero

<sup>4</sup> Há ainda poucos casos de reminiscências do gênero neutro da língua latina, tal qual em pronomes como *isto, isso, aquilo*, correspondentes aos masculinos *este, esse, aquele* e aos femininos *esta, essa, aquela*, pelos resquícios da historicidade da língua.

é o resultado dos atos performáticos tanto de nomeação ('sou homem', 'sou mulher') como de comportamentos ('um homem age dessa maneira, uma mulher age de outra maneira')", de acordo com Tilio (2014, p. 139).

Nesse sentido, o falante espera que haja correspondência entre a noção de gênero gramatical e a de gênero como performance social, especialmente para que a língua represente, da forma mais fidedigna, o objeto ou o ser no mundo<sup>5</sup>. Ou seja, tratando-se de seres, o masculino e o feminino são informações para designar o sexo da referência, como em *o/a gerente*, *o ator/a atriz*, *o gato/a gata*. Dessa forma, a noção de gênero gramatical e a noção de gênero social convergem, naturalmente, para tratar do ser no mundo, conforme aponta Houaiss (2009, cf. "gênero").

Assim, destacam-se diferenças nos modos como homens e mulheres são conceptualizados, referenciados e denominados em situações sociocomunicativas. Notoriamente, mulheres têm sido, ao longo da história, marginalizadas e retratadas de modo impróprio, ofensivo, rude, obsceno, agressivo ou imoral, embora tenha havido inúmeras conquistas femininas nas últimas décadas. Partindo-se do princípio de que há uma hierarquia nas representações de gênero e, conseqüentemente, na sua realização linguística, notadamente desfavorável às mulheres,

O sistema de gênero, com sua hierarquização supostamente natural, atribui ao feminino um lugar secundário e inferior, além de apresentar um conjunto de práticas e situações como presumivelmente masculinas, que funcionam como atributos de distinção entre homens e mulheres, atributos estes que não são adotados por todos os homens, mas que servem como referência simbólica no processo de formação das identidades de gênero (ALVES, 2004, p. 29-30).

Assim, há posições, posturas, profissões e comportamentos sociais tomados como de exercício exclusivo ou majoritário para um gênero ou outro e a língua(gem) reflete a desigualdade social representada e percebida por padrões linguísticos arraigados em uma sociedade essencialmente patriarcal, contribuindo para a perpetuação da construção discursiva de identidades sociais pautadas no gênero (MOITA LOPES, 2009).

<sup>5</sup> Os estudos sobre gênero como performance social têm, ao longo dos últimos anos, produzido muitas análises inter e transdisciplinares, especialmente nos Estudos Culturais e na Teoria *Queer* (BUTLER, 2015; 2010).

Toma-se aqui, portanto, os nomes de calão, de caráter informal e vulgar, analisados pela variável gênero, caracterizando-os como de sentido eufêmico ou disfêmico. Alves (2004) expõe a polaridade assinalando que

[...] todos os palavrões são machistas e não existem palavrões feministas. Outros xingamentos obscenos, como *filho da puta*, *filho de uma égua*, *filho de uma mãe (solteira)* ou *puta que o pariu* são palavrões que desqualificam a mulher que não seguiu seu destino de esposa (ALVES, 2004, p. 29).

Para descrever e analisar como o gênero feminino, no jogo léxico-discursivo, é subjugado ao masculino, selecionam-se registros e significados lexicográficos baseados nas oposições de gênero no português brasileiro (doravante PB). A metodologia empregada está apresentada a seguir.

### Seleção e procedimentos de análise dos dados

Para a (não) comprovação dos pressupostos traçados, requereu-se uma seleção de dados linguísticos coesos, datados e localizados. Assim, ao tomarmos conhecimento da polêmica que envolveu o verbete *on-line professora*, em outubro de 2019, decidimos aprofundar a problemática do registro de acepções de caráter violento e pejorativo envolvendo gêneros sociais. A seleção se deu pelo texto humorístico intitulado *Injustiças da Língua Portuguesa*, disposto a seguir, disseminado como de autoria anônima via *e-mail* e por redes sociais como *Whatsapp*® e *Facebook*®.

Quadro 1 – Texto-anedota *Injustiças da Língua Portuguesa*

<b>INJUSTIÇAS DA LÍNGUA PORTUGUESA</b>	
A Sociedade Feminina Brasileira se queixa do tratamento machista existente na gramática portuguesa, e com razão! Vejam os exemplos:	
Cão... melhor amigo do homem. Cadela... puta.	
Vagabundo... homem que não faz nada. Vagabunda... puta.	
Touro... homem forte. Vaca... puta.	
Pistoleiro... homem que mata pessoas. Pistoleira... puta.	
Aventureiro... homem que se arrisca, viajante, desbravador. Aventureira... puta.	
Garoto de rua... menino pobre, que vive na rua, um coitado. Garota de rua... puta.	
Homem da vida... pessoa letrada pela sabedoria adquirida ao longo da vida. Mulher da vida... puta.	
O galinha... o 'bonzão', que traça todas. A Galinha... puta.	
Tiozinho... irmão mais novo do pai. Tiazinha... puta.	
Feiticeiro... conhecedor de alquimias. Feiticeira... puta.	
[Nomes de políticos brasileiros]... políticos. A mãe deles... putas.	
E pra finalizar: Puto... nervoso, irritado, bravo. Puta... puta.	
Depois de ler este e-mail: Homem... vai sorrir. Mulher... vai ficar puta!	

Fonte: Autoria anônima. Disponível em *Injustiças* (2020).



A linguagem humorística constitui-se rico receptáculo de elementos sexistas em diferentes épocas e grupos sociais. Ao longo desse texto-anedota – “historieta engraçada sobre fato real ou imaginário; aspecto curioso ou picante sobre personalidade, evento etc.; piada, chiste” (AULETE, 2007) –, apresentam-se analogias entre pares nominais que destacam a prática linguístico-cultural de perjúrio à mulher, longe de ser exclusiva da sociedade brasileira. Sua análise coloca em pauta como dicionários demarcam saberes léxico-gramaticais e enunciativo-discursivos em relação à desigualdade social de gênero. Na anedota, ao passo que se assinala um sentido positivo, uma vanglória e/ou uma normalização relacionada ao gênero masculino, demonstra-se uma acepção depreciativa que inferioriza moralmente e estabelece um juízo de valor sobre a sexualidade das pessoas de gênero feminino, especialmente conceptualizadas na metáfora *mulher é puta*.

O corpus de análise constitui-se dos pares nominais assinalados no texto-anedota *Injustiças da Língua Portuguesa* (cf. Quadro 1), a saber: (1) *cão/cadela*; (2) *vagabundo/vagabunda*; (3) *touro/vaca*; (4) *pistoleiro/pistoleira*; (5) *aventureiro/aventureira*; (6) *homem da vida/mulher da vida*; (7) *tiozinho/tiazinha*; (8) *feiticeiro/feiticeira*; (9) *puto/puta*; e (10) *galinha*, além do par nominal motivador da pesquisa, (11) *professor/professora*, fora do escopo da anedota em questão.

Para checagem de aspectos concernentes ao processo de dicionarização, quatro dicionários gerais monolíngues foram selecionados: dois *convencionais*, impressos em papel – o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2009) e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2009) – e dois eletrônicos: *Aulete Digital* (AULETE, 2007) e *InFormal* (INFORMAL, 2014), com período de coleta em março de 2020. Buscamos também investigar a hipótese de que “o dicionário *on-line* apresenta características menos conservadoras e, talvez, mais progressistas, embora com ressonâncias que implicam resistências” (SILVA; GALLI, 2018, p. 62), considerando ser “[...] facilmente compactado, ampliado e atualizado, sem grandes custos de produção” (LEFFA, 2006, p. 323).

A seguir, descrevem-se e analisam-se os dados.

### Descrição e Análise de dados

Quanto ao gênero gramatical, os pares nominais selecionados (vide seção anterior) demonstram a variedade de processos morfológicos

na língua portuguesa. Tomando a classificação de Pestana (2018, p. 186–188), a marcação de gênero dos substantivos se constitui por:

- a) *desinência*, nos nomes biformes, ou seja, há a mudança de morfema de gênero, como em (2), (4), (5), (7), (8), (9) e (11);
- b) *lexia*, quando há um par com radical distinto, como em (1), (3) e (6); e
- c) *determinante*, em nomes *comuns de dois gêneros*, como em (10).

O registro lexicográfico das acepções permitiu a codificação e a análise de frequência e do conteúdo em busca de ratificar em que medida os dicionários de língua dispõem aspectos extralinguísticos relacionados ao sexismo. Os dados foram codificados pelos seguintes critérios: DP (Dicionarizado com acepção registrada na anedota); DOA (Dicionarizado com outras acepções); ND (Não dicionarizado), e os dados estão dispostos no Quadro 2.

Quadro 2 – Codificação dos sentidos de cunho pejorativo ou sexual em dicionários de língua portuguesa

ITEM LEXICAL / DICIONÁRIO	HOUAISS (2009)	FERREIRA (2009)	AULETE (2007)	INFORMAL (2014)
Cão (Cachorro)	DOA	DOA	DOA	DP
Cadela	DP	DP	DP	DP
Vagabundo	DP	DP	DP	DP
Vagabunda	DP	DP	DP	DP
Touro	DP	DP	DP	DP
Vaca	DP	DP	DP	DP
Pistoleiro	DP	DP	DP	DP
Pistoleira	DP	DP	DP	DP
Aventureiro	DP	DP	DP	DP
Aventureira	ND	ND	ND	DP
Galinha (M)	DP	DP	DP	DP
Galinha (F)	DP	DP	DP	DP
Tiozinho	ND (cf. tio)	ND (cf. tio)	DP	DP
Tiazinha	ND (cf. tia)	ND (cf. tia)	DOA	DOA
Feiticeiro	DP	DP	DP	DP
Feiticeira	DOA	DOA	DOA	DOA
Puto	DP	DP	DP	DP
Putá	DP	DP	DP	DP
Homem da Vida	ND	ND	ND	ND

ITEM LEXICAL / DICIONÁRIO	HOUAISS (2009)	FERREIRA (2009)	AULETE (2007)	INFORMAL (2014)
<i>Mulher da Vida</i>	DP	DP	ND	DP
<i>Professor</i>	DP	DP	DP	DOA
<i>Professora</i>	DP	DP	DP	DOA

Fonte: Elaboração dos autores.

Legenda: DP – Dicionarizado com acepção registrada na anedota; DOA – Dicionarizado com outra(s) acepção(ões); ND – Não dicionarizado.

### Cão (*Cachorro*) / *Cadela*

A milenar alusão ao cão como “melhor amigo do homem” está dicionarizada em InFormal (2014) e em Houaiss (2009). Contudo, *cão* apresenta mais uma conotação de índole – “3. *Bras. Pop.* O diabo 4. *Fig.* Indivíduo perverso” (AULETE, 2007); “sm. 6. *Fam.* Pessoa má, infame, vil. 7. *Bras. Pop. cf. diabo*” (FERREIRA, 2009, cf. *cão*), ao passo que, mesmo não registrada na anedota, é a lexia *cachorro* que materializa metaforicamente um xingamento para o gênero masculino. Ponderamos, ainda, que *cachorro*, além de não ter a mesma carga ofensiva que seu correspondente *cadela*, pode até ser tomado de modo orgulhoso pelo homem referenciado como *cachorro*.

*Cadela* configura um uso de baixo calão em direção ao gênero feminino em diversas línguas, como *bitch*, em inglês,  *salope*, em francês, ou *perra*, em espanhol, para citar algumas. Esse sentido sexual atribuído ao item *cadela* na anedota está registrado em todos os dicionários consultados: “sf. 12. *pej.* mulher pouco digna, de baixa condição social ou de comportamento ou hábitos reprováveis 2.1. mulher vulgar, desavergonhada 3. *p.ext. B pej.* prostituta” (HOUAISS, 2009, cf. *cadela*); “sf. [...] 2. *Pop.* Mulher de procedimento censurável, desavergonhada. 3. Meretriz” (FERREIRA, 2009, cf. *cadela*); “2. *Bras. P.ext. Pej. Pop.* Mulher vulgar, de má índole, sem compostura 3. *Bras. Pej.* Prostituta” (AULETE, 2007); “1. Mulher vadia, safada, sem vergonha, traidora. Vagabunda” (INFORMAL, 2014).

### Vagabundo / Vagabunda

No par *vagabundo/vagabunda*, a forma masculina foi apresentada na anedota como “homem que não faz nada”, ao passo que a acepção destacada para *vagabunda* foi de cunho sexual e violento.

As definições coincidem com o disposto na anedota. *Vagabundo* remete aos verbos vagar/vaguear: “adj. s.m. 1. que ou quem leva a vida errante, perambula, vagueia, vagabundeia. 2 que ou quem leva a vida

no ócio; indolente, vadio 3 *B pej.* que ou o que age sem seriedade ou com desonestidade; malandro, canalha, biltre (HOUAISS, 2009, cf. *vagabundo*); “s.m. 6. Indivíduo vagabundo; erradio, mundeiro, nômade, troca-pernas, vagamundo. 7. Indivíduo desocupado, ocioso, vadio (FERREIRA, 2009, cf. *vagabundo*); “4. *Bras. Pej.* Que é infame, canalha, desonesto: [...] 8. *Bras. Pej.* Pessoa que é infame, canalha, desonesta” (AULETE, 2007).

O item *vagabunda* registra a mulher que vagueia como “s.f. *B infrm. pej. m.q. vadia*” (HOUAISS, 2009, cf. *vagabunda*); “s.f. 2. *Bras. Gír. v. piranha*” (FERREIRA, 2009, cf. *vagabunda*); “1. *Bras. Pop. Pej.* Mulher de vida licenciosa, sem ser necessariamente uma prostituta; piranha; vadia” (AULETE, 2007).

O *Dicionário InFormal* (2014) apresentou qualificações para ambos os lexemas. Em *vagabundo*, encontramos

1. Que não trabalha, só vagabundeia. [...] 12. Homem que supre todos desejos sexuais dele, homem que fica com muitas mulheres em um período curto, homem que fica com a mulher do amigo. [...] 16. Vadio, homem que gosta de ter muitas mulheres; Galinha; (...) aquele que não consegue segurar seus instintos sexuais” (INFORMAL, 2014).

401

Para *vagabunda*, seguem algumas descrições:

1. Vadia, mulher que gosta de ter muitos homens; puta; (...) aquela que não consegue segurar seus instintos sexuais. 3. Mulher desocupada, que não trabalha e vive às custas dos outros, mulher que rouba o companheiro de outra. (INFORMAL, 2014).

Assim, especialmente o *Dicionário inFormal* (2014) permite assinalar diferenças sociais de gênero e uma avaliação subjetiva quanto ao ato de “não conseguir segurar seus instintos sexuais”. Embora semelhantes em suas descrições, observa-se, no uso corrente, que a desqualificação não é idêntica em intensidade nos dois vocábulos, ou seja, um homem que “não consegue controlar seus instintos sexuais” seria socialmente menos inadequado ou inapropriado do que uma mulher nas mesmas condições. A questão é além do semântico: *vagabunda* se apresenta como *puta*, pois ‘aquela que vagueia’ o faz para trair, para pecar.

*Touro / Vaca*

No texto-anedota *Injustiças da Língua Portuguesa*, *touro* traz o sentido metafórico de “homem forte”, enquanto *vaca* conota um sentido

ofensivo e sexual. Houaiss (2009) e Ferreira (2009) ratificam a acepção positiva para *touro*: “s.m. 3. fig. Homem forte e fogo” (HOUAISS, 2009, cf. *touro*); “s.m. 3 fig. Homem fogo e robusto” (FERREIRA, 2009, cf. *touro*); bem como o *Aulete Digital*: “s.m. 3. Fig. Homem muito forte” (AULETE, 2007).

Quanto à *lexia vaca*, os dicionários registram a conotação violenta: “s.f.. 7. pej. mulher de vida devassa” (HOUAISS, 2009, cf. *vaca*); “s.f. 9. Bras. Chulo Mulher leviana que aceita qualquer homem” (FERREIRA, 2009, cf. *vaca*); “s.f. 5. Pej. Mulher devassa e leviana 6. Pej. Indivíduo sem coragem ou iniciativa, indolente” (AULETE, 2007); e “1. Modo ofensivo de se referir a uma menina vadia ou vagabunda que faz relação sexual. [...] 3. Mulher vagabunda, vadia, pilantra, sem-vergonha” (INFORMAL, 2014).

Os dicionários consultados descrevem os sentidos positivos relativos a *touro* e a *vaca* descritos na anedota. Extrapolamos essas conotações na curiosidade de atestar algum sentido metafórico negativo para *touro*, a exemplo do que associa o chifre do touro à traição. Significativamente, não identificamos acepções como *homem traído*, *corno* ou formas cognatas nos dicionários impressos consultados, Houaiss (2009) e Ferreira (2009).

### *Pistoleiro / Pistoleira*

*Pistoleiro* é registrado, na anedota Injustiças (2020), como forma agentiva para quem usa pistola, seja para matar, assaltar ou para dar segurança a outrem mediante pagamento. Já *pistoleira*, como “s.f. Bras. Gír. V. *piranha*” (FERREIRA, 2009, cf. *pistoleira*). Cumpre, ainda, destacar duas acepções registradas para esse par no *Dicionário InFormal* (2014). Há um uso gírico para a forma masculina: “Gir. aquele que gosta de rola, piroca, pau, pênis” (INFORMAL, 2014); e *pistoleira* como “sf. matadora profissional ou de aluguel; bandida”, mesmo trazendo igualmente a forma gírica “*piranha*” (INFORMAL, 2014).

Os dicionários de língua selecionados reforçam os termos pejorativos às mulheres e, novamente, as acepções registradas na anedota estão dicionarizadas. Há, ainda, o registro de um endereçamento violento em relação ao indivíduo homossexual, percebendo-se que esse item mantém semelhanças com pares aqui analisados: acentua-se o caráter pejorativo no gênero feminino.

## *Aventureiro / Aventureira*

O agentivo *aventureiro*, segundo a anedota Injustiças (2020), remete ao “homem que se arrisca, viajante, desbravador”, um sujeito que busca aventura. Para Houaiss (2009), *aventureiro* é

*adj. s.m* 2. que ou quem se compraz em aventura (‘peripécia’), que a ela se expõe ou que a procura 3. que ou quem é atraído pelo incerto, pelo perigo, e propenso a se envolver em empresas arriscadas; temerário 4. que ou quem não tem meios de vida estáveis e vive de expedientes, golpes, ou confia tudo à sorte (HOUAISS, 2009, cf. *aventureiro*).

O dicionário *Aurélio* traz as seguintes acepções para *aventureiro*: “s.m. 1. Que vive de aventuras. 2. Que ama a aventura. 4. Indivíduo que ama a aventura; ousado, temerário, audacioso. 5. Aquele que não tem meios de vida, que vive de expedientes, dos acasos da sorte” (FERREIRA, 2009, cf. *aventureiro*). No *Aulete Digital*, *aventureiro* é “4. Aquele que gosta de ou que se lança a aventuras 5. Indivíduo inescrupuloso, que usa de meios desonestos para o seu progresso econômico ou social” (AULETE, 2007).

Já a *aventura*, a ousadia de uma mulher, de acordo com o Dicionário InFormal (2014), estaria relacionada ao sexo. A forma feminina está dicionarizada apenas no Dicionário InFormal: “1. Pessoa destemida, que gosta de aventuras. 2. Termo usado para se referir a uma mulher que gosta de experimentar novas sensações e se arriscar” (INFORMAL, 2014). Mesmo sem uma avaliação necessariamente pejorativa, como apontamos, na seção de sinônimos para *aventureira* encontramos ‘quenga’, ‘rapariga’, ‘prostituta’, enquanto que, para *aventureiro*, os sinônimos são ‘perigoso’, ‘arrojado’, ‘venturoso’ (INFORMAL, 2014), dentre outras, confirmando a violência linguística relacionada ao gênero feminino. Tais características são permitidas e encorajadas ao homem, mas costumam ser estereotipadas para a mulher, apontando, de certo modo, um tom depreciativo.

## *Homem da Vida / Mulher da Vida*

No par *homem da vida/mulher da vida*, cumpre compreender como a sociedade brasileira conceptualiza a fórmula [N da vida], sendo N uma forma masculina ou feminina. Na anedota, por exemplo, um *homem da vida* é uma “pessoa letrada pela sabedoria adquirida ao longo da vida”, enquanto em seu correspondente feminino, a “vida” remete a experiências sexuais.



Nos dicionários *Houaiss*, *Aulete* e *Ferreira*, não há registros do fraseologismo *homem da vida*, apenas de *homem da rua* e de *homem do povo*. A forma feminina, contudo, está amplamente registrada: “euf. pej. meretriz” (HOUAISS, 2009, cf. *mulher*); “sf. Bras. Pop. Meretriz” (FERREIRA, 2009, cf. *mulher*); além da relação sinonímica com

mulher da rua, mulher da zona, mulher de amor, mulher de má nota, mulher de ponta de rua, mulher do fandango, mulher-dama, mulher-errada, mulher do mundo, mulher errada, mulher solteira, mulher perdida, mulher vadia (INFORMAL, 2014).

Isso demonstra que *mulher da vida* está para o baixo calão<sup>6</sup> e que, no plano social, a “vida” deve ser vivida pelo homem, não pela mulher: ser um *bon vivant*, portanto, é um direito do gênero masculino, indigno àquela que ousar viver uma “vida de homem”.

### O Galinha / A Galinha

É de conhecimento geral que a *lexia galinha*, único comum de dois gêneros dentre os substantivos selecionados, tem um caráter sexista em língua portuguesa, mas não apenas nessa. Os dicionários impressos registram *galinha* como um atributo próprio de um indivíduo, não necessariamente de um dos gêneros. Houaiss (2009), por exemplo, destaca que

*infrm. pej.* 3. B diz-se de ou indivíduo que age publicamente sem freio moral. 3.1 diz de ou indivíduo que varia facilmente de parceiro amoroso ou sexual. 4. Diz-se de ou indivíduo volúvel nos gostos, no interesse. 5. B diz-se de ou indivíduo covarde, medroso ou pobre de espírito (HOUAISS, 2009, p. 949).

Já em Ferreira (2009), *galinha* é “3 *fig.* pessoa muito volúvel, que se entrega com facilidade. [...] 5. pessoa que não se contenta em ter apenas um parceiro sexual” (FERREIRA, 2009, cf. *galinha*). No *Aulete* (2007), “3. *Fig. Pej.* Pessoa frouxa, covarde; 4. *Gír.* Pessoa que mantém relações sexuais com muitos(as) parceiros(as). 5. *Gír. Pej.* Pessoa muito volúvel, que se entrega com facilidade a qualquer coisa” (AULETE,

<sup>6</sup> A unidade fraseológica complexa *mulher da vida*, inclusive, foi de frequência considerável quando do questionamento do item lexical 142 para “Como as pessoas chamam a mulher que se vende para qualquer homem?” no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (CARDOSO *et al.*, 2014). Segundo esses dados de natureza dialetal, as construções [mulher-N] e [mulher-Prep-N] são bastante produtivas nas cinco regiões do país para denominar *prostituta*, a exemplo de *mulher de programa*, *mulher de vida fácil*, *mulher sem dignidade* e até *mulher solteira* (SANCHES; SILVA, 2014, p. 313-314; CARDOSO *et al.*, 2014).

2007), bem como no *Dicionário inFormal* (2014), para quem *galinhas* são “1. Pessoas que saem com muitos parceiros. Usado tanto para o sexo feminino quanto masculino. Pessoas que transam com vários parceiros” (INFORMAL, 2014).

Embora haja aproximação de significação, o referente masculino *galinha* abrange tanto o caráter pejorativo quanto o positivo. Na sociedade brasileira, há um estereótipo neutro ou positivo em relação ao *homem-galinha*, podendo haver vanglória por tal atributo, ao passo que a *mulher-galinha* sempre é menosprezada, constituindo um xingamento, um sinônimo de *puta*.

#### *Tiozinho / Tiazinha / Feiticeiro / Feiticeira*

O par *tiozinho/tiazinha* é o único constituído por formas diminutivas. A conceptualização de *tia* como mulher mais velha, alguém sexualmente experiente, configura um exemplo de fetiche do universo masculino. . Nos dicionários impressos, não há entradas específicas para a forma diminutiva, sendo o registro verificado nos verbetes *tio* e *tia*.

Já os sentidos para *tiozinho* estão registrados como “Pop. tratamento dado por jovem a pessoas do sexo masculino de forma respeitosa e pela diferença de idade”; “termo pejorativo que se refere ao homem de meia idade com modos e/ou estilo de vida conservador” (INFORMAL, 2014) ou como “[...] aplicado especialmente a homem humilde de certa idade que se não conhece ou se não quer nomear” (AULETE, 2007). Nessas acepções, não identificamos indícios de violência ou de sexualização, ao contrário do correspondente *tiazinha*. Se *tia* remete àquela que é “6. Gír. Dona de lupanar” (FERREIRA, 2009, cf. *tia*); “TIAZINHA: especialmente tratando-se de mulher humilde de certa idade e a quem nos dirigimos” (AULETE, 2007).

No contexto da anedota, *tiazinha* tem um referente extralinguístico: *Tiazinha* foi uma personagem erótica estrelada por Suzana Alves (1978-), inicialmente no programa de TV *H*, apresentado por Luciano Huck na Rede Bandeirantes na segunda metade da década de 1990 (H, 1998).

O mesmo fenômeno de referência externa está no par *feiticeiro/feiticeira*, que contrasta o “conhecedor de alquimias” com a conceptualização de que feitiçaria é uma habilidade feminina para o encantamento sexual, possuidora de encantos e de poções que estão

para o charme e para a atração do parceiro. Portanto, como em *Tiazinha*, a forma *Feiticeira* remete à personificação da personagem *Feiticeira*, do mesmo programa *H*. Como arremate, entende-se que a própria popularização dos termos retoma as questões de fetiche e as reforça.

### *Puto / Puta*

*Puto/puta*, em suas formas simples ou fraseológicas (*filho/filha da puta* e *puta merda!*), estão entre os itens mais produtivos do léxico de baixo calão no PB. No texto-anedota, a forma masculina *puto* foi tomada como adjetivo – “nervoso, irritado, bravo” –, que também vale para o gênero feminino, designando “alguém com raiva”.

O Houaiss registra, ainda, *puto* como “s.m 1 m.p. homossexual (subst.) 2. *tab.* Indivíduo devasso, sensual, sacana [...] 5. *P infrm.* menino, filho, criança. *adj.* 6. *Infrm. ou tab.* com muita raiva; irritado, furioso, danado” (HOUAISS, 2009, cf. *puto*). Já o *Dicionário Aurélio* registra: *puto* s.m. “3. *danado da vida* 5. *Bras.* Homossexual. 6. Indivíduo devasso, corrompido, dissoluto, 7. *Lus.* Garoto, menino, rapazinho” (FERREIRA, 2009, cf. *puto*). O *Aulete Digital* assim apresenta *puto*: “1. *Tabu.* Ver homossexual 2. Homem devasso, depravado, ou de mau caráter, desonesto. 3. *Lus. Fam.* Menino, criança, filho. 4. *Bras. Tabu.* Vintém, centavo. 5. *Tabu.* Zangado, irritado, com raiva”. No dicionário *InFormal*, *puto* indica “1. Indignado, revoltado, inconformado com alguma situação. 2. Garoto de programa; Prostituto. [...] 8. homossexual, de uso corrente no RS, principalmente nas regiões de fronteira, por influência do espanhol” (INFORMAL, 2014).

Enquanto as primeiras acepções para *puto* destacam sua personalidade ou pejorativamente sua homossexualidade, *puta* tem como primeiro registro sempre seu caráter sexual – e amplamente destacado<sup>7</sup>. Ela é uma “s.f. m.q. prostituta 2 *pej.* qualquer mulher lúbrica que se entregue a libertinagem” (HOUAISS, 2009, cf. *puta*); “s.f. *Chulo* Meretriz. 2. mulher devassa, libertina” (FERREIRA, 2009, cf. *puta*); “sf. 1. *Tabu.* Prostituta, mulher que faz sexo por dinheiro; bagageira; biscate; meretriz; mundana; piranha; pistoleira 2. *Fig.* Mulher despudorada e acintosamente vulgar” (AULETE, 2007); e como “1. Garota-de-programa. Mulher que vende o próprio corpo para prática de sexo. 5. *Chulo* Prostituta; meretriz” (INFORMAL, 2014). O ataque à índole ou à

<sup>7</sup> Destaca-se que o Dicionário Houaiss (2009), em sua Apresentação, indica que preza pelo ordenamento de suas acepções, quando possível, pelo critério etimológico, não somente pela frequência.

moral do homem é denomina-lo *gay ou corno*, o que atinge, igualmente, a honra da parceira; no caso da mulher, é chamá-la prostituta. Mas, em alguma medida, mesmo quando os dois vocábulos são pejorativos, como no par *puto/puta*, o termo mais depreciativo recai sobre o gênero feminino.

### *Professor / Professora*

Este par, último a ser descrito, foi o motivador da pesquisa, justamente por apresentar nuances semântico-discursivas, não constando na anedota Injustiças da Língua Portuguesa (2020). Os dicionários assim os apresenta.

O *Aulete* (2007) e o *InFormal* (2014) destacam *professor* apenas em seu escopo pedagógico<sup>8</sup>, não registrando acepções de cunho sexual. Já na entrada *professora*, temos "[...] a que ensina instrução primária e as prendas próprias do seu sexo: Professora de corte, de costura."<sup>9</sup> Em Ferreira (2009), além da primeira acepção – “mulher que ensina ou exerce o professorado; mestra” –, há outra acepção: “*Bras. N.E. Pop.* Prostituta com que adolescentes se iniciam na vida sexual”.

Essa acepção já registrada em Houaiss (2009) foi o gatilho da polêmica mencionada na seção introdutória em relação ao dicionário *Google*. Ou seja, dicionários de língua tradicionais, como o *Aurélio* (FERREIRA, 2009) e o Houaiss (HOUAISS, 2009), já registravam *professora* como aquela que ensina sexo a garotos inexperientes.

Assim, cumpre questionar como os vocábulos estão registrados em dicionários e em obras de referência – especialmente seus sentidos violentos – para que sirvam como informação precisa ao consulente, visto que é papel do dicionário ser tão funcional quanto for possível para seu virtual usuário, fornecendo o máximo de informações relevantes de determinado vocábulo (BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2011). É essa discussão que pretendemos assinalar na seção final.

<sup>8</sup> Por não ter relação direta com o presente estudo, não será discutida a questão da redução na definição do vocábulo *professora* (indicada como “a que ensina instrução primária e as prendas próprias do seu sexo”), já que se priorizam, aqui, as problematizações advindas do texto anedótico que motivou o trabalho.

<sup>9</sup> A ideia de que “professora de corte e costura”, por exemplo, seria “prenda própria do seu sexo” é, também, reducionista. Não entra no escopo deste trabalho, pois não trata diretamente do que é, no uso da linguagem, função feminina ou função masculina, mas as nuances entre determinado verbete usado em cada gênero. Seria, contudo, assunto interessante para ser estudado em trabalhos posteriores.

## Considerações Finais

Obras de referência apresentam demandas plurais. Dicionários são, por um lado, receptáculos (tão quanto possível) da frequência e dos modos de usos linguísticos e estão abertos a polêmicas, algumas das quais carecendo de embasamento, sob pena de enviesamento dos argumentos. A identidade e a performance de gênero são traços distintivos dos membros de uma sociedade que se constituem de várias formas, mas, inegavelmente, a língua é um dos fatores preponderantes. É esperado, em algum nível, que tais diferenças de uso sejam representadas nos dicionários, ainda que mudanças sociais sobre papéis de gênero estejam em curso.

Neste sentido, ao recuperar o episódio inicial que originou esse estudo — a controversa situação sobre manter ou excluir a acepção pejorativa da entrada “professora” nos dicionários *on-line* —, entendemos que dicionários devem agregar o maior número de informações gramaticais e enciclopédicas sobre uma lexia, de modo que o/a consulente tenha dados seguros sobre seu uso em sincronia e suas nuances semântico-discursivas. Essa perspectiva valoriza a qualidade da obra em si, justamente por oferecer à/ao consulente diferentes acepções em contextos múltiplos, papel primário de um dicionário de língua. Essa postura, de modo algum, deixa de ser crítica ou complexa em relação ao registro de manifestações da/na língua e, independente de posições políticas individuais ou de minorias políticas, não deve ser tomada como conservadora sobre as questões sociais atingidas na pesquisa.

Neste trabalho, os dados cotejados em dicionários de língua impressos e *on-line* permitiram uma problematização da violência que, sabemos, ainda persiste como discurso nessas obras. Os resultados assinalam que parte considerável das acepções de caráter violento e/ou sexista assinaladas no texto-anedota Injustiças da Língua Portuguesa se apresenta dicionarizada. Na maioria, há o registro da inferiorização social, da depreciação da sexualidade da mulher, definindo-a, nos contextos analisados, como *puta*, enquanto seus correspondentes do gênero masculino tendem a valorizar a masculinidade, a heteronormatividade ou, quando pejorativos, não costumam ter o mesmo estigma social em relação à sexualidade.

Ferreira (2009), mais conhecido como Aurélio, Houaiss (2009) e a versão digital do Aulete (2007) apresentaram bastantes semelhanças



na sua microestrutura — definição das entradas —, registrando diversos exemplos de tabu linguísticos. Obras lexicográficas do tipo aberto assinalam acepções pejorativas e violentas de forma mais contundente. Como hipotetizado, o dicionário *on-line InFormal*, dado seu caráter aberto/colaborativo, ao permitir a inserção de dados pelos próprios usuários como “uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português” (INFORMAL, 2014), foi a que mais registrou esse tipo de violência, confirmando o sexismo latente da sociedade brasileira.

O ponto de vista fundamentado nos postulados da Lexicografia Discursiva, por outro lado, é muito bem vindo, para que estigmas e abusos — sejam de gênero ou endereçados a qualquer minoria política — deem espaço a registros lexicográficos equânimes e respeitosos por parte de lexicógrafos/as e equipes editoriais. Isso, invariavelmente, afetará o léxico e os usos linguísticos, pois deve haver uma retroalimentação entre a sociedade e os instrumentos linguísticos que o descrevem/conceitualizam.

## Referências

‘H’ tenta emplacar sua Feiticeira. **Folha de S. Paulo**. UOL. 27 dez. 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv27129804.htm>. Acesso em: 20 dez. 2019.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **A Linguagem e as representações da masculinidade**. Textos para discussão, n. 11. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas/Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2004.

AULETE, Caldas. **Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Dicionário Caldas Aulete, 2007. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 31 jul. 2020.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix Valentín. A estruturação de um dicionário. In: BUGUEÑO MIRANDA, Félix Valentín; BORBA, Laura Campos de (org.). **Manual de (Meta)lexicografia**. Goiânia: Espaço Acadêmico, v. 1, 2019a. p. 17–32.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix Valentín. Os dicionários de dúvidas: ferramentas para o falante nativo. **ALEA: Estudos Neolatinos (Impresso)**, v. 21, 2019b. p. 361–377.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix Valentín; FARIAS, Virginia Sita. Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas. **Estudos da Língua(gem) (on-line)**, v. 9, p. 36–69, 2011.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética**. Tradução: Regina Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.



CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Caro Colega: Exclusão Linguística e Invisibilidade. **Discurso & Sociedad**, Universidad de La Rioja, v. 1, n. 2, 2007. p. 230-246.

CAMACHO, Roberto G.; DALL'AGLIO-HATTNER, Marize Mattos; GONÇALVES, Sebastião C. O substantivo. In: ILARI, Rodolfo. **Gramática do português culto falado no Brasil**: Palavras de Classe aberta. v. 3. São Paulo: Contexto, 2013, p. 13-64.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino Cardoso *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**. v. 2. Cartas linguísticas. Londrina: EDUEL, 2014.

DICIONÁRIO INFORMAL: dicionário de Português gratuito para a internet. [S.l.], 2014. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009. 2120 p.

HARTMANN, Reinhard Rudolf Karl; JAMES, Gregory. **Dictionary of lexicography**. New York: Routledge, 1998.

HAUY, Amini Boainain. **Gramática da Língua Portuguesa Padrão**. São Paulo: EdUSP, 2015. 1344p.

HEBERLE, Viviane Maria; OSTERMANN, Ana Cristina; FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. **Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. 234 p.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INJUSTIÇAS na Língua Portuguesa. Slideshare. Disponível em: <https://slideplayer.com.br/slide/10888791/> Acesso em: 19 dez. 2019.

INTERNAUTAS detonam Google por dicionário que liga “professora” à prostituição. **Informe Pirajá**, Salvador, 22 out. 2019. Disponível em <https://www.informepiraja.com.br/internautas-detonam-google-por-dicionario-que-liga-professora-a-prostituicao/>. Acesso em: 21 dez. 2019.

KRIEGER, Maria da Graça. Tipologias de dicionários: registro de léxico, princípios e tecnologias. **Calidoscópio** (UNISINOS), v. 04, p. 141-147, 2006.

LEFFA, Vilson J. O dicionário eletrônico na construção do sentido em língua estrangeira. **Cadernos de tradução**, Florianópolis, n. 18, p. 319-340, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. **Revista da ANPOLL**, v. 2, n. 27, p. 128-157, 2009.

MOTA, Maria Antonia. A categoria gramatical gênero, nos nomes e adjetivos do Português: algumas reflexões. **Diadorim**. Rio de Janeiro. N. Especial, p. 150-164, 2016.

GOOGLE muda conteúdo de dicionário após “denúncia” de Anitta. MSN, 10 set. 2020. Disponível em <https://bityli.com/wez2i>

NUNES, José Horta. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; INDURSKY, Freda (Org.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 373-380.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Lexicografia Discursiva. **Alfa**. São Paulo, n. 44, p. 97-114, 2000.

PESTANA, Fernando. **A gramática para concursos públicos**. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2018.

SANCHES, Romário Duarte; SILVA, Maria Socorro Cardoso da. Variação semântico-lexical no Amapá. **Revista Linguística**. v. 10, n. 1, jun. 2014. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>. Acesso em: 20 dez. 2019.

SILVA, Marianna Lima de; GALLI, Fernanda Correa Silveira. O feminismo em dicionários de língua portuguesa: uma abordagem discursiva. **Diálogos Pertinentes**. Revista Científica de Letras. v. 14, n. 2, p. 48-63, 2018.

TILIO, Rafael de. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **GÊNERO**. Niterói, v. 14, n. 2, p. 125-148, 2014.

VASCONCELOS, Cecilia. DICIONÁRIO do Google define professora como 'prostituta' e classifica como 'brasileirismo'. **Yahoo! Notícias**. 21 out. 2019. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/dicion%C3%A1rio-google-define-professora-como-223046812.html>. Acesso em: 19 dez. 2019.